

O mar, a montanha e a casa

Geografia Espiritual no Evangelho de Marcos

Era uma vez uma casa no alto de uma montanha, lá na serra da Mantiqueira. De longe, a partir do tortuoso caminho do vale, parecia uma ruína: madeira e pedras caídas, abandonadas entre as nuvens. Caminhando em sua direção, descobria-se uma singela casinha branca, coberta de sapé e envolvida no frescor do ar puro da serra. Chegando no seu terreiro percebia-se uma acolhedora e florida varanda, perfumada por baunilhas e manacás. Dali, contemplava-se o nascer do sol na imensidão do distante mar azul.

A maioria das pessoas não vive em casas bonitas, brancas ou perfumadas. Muitas das montanhas são desertas, desabitadas e inóspitas, e existe muita gente que nunca viu ou pôs os pés no mar. Entretanto, essas imagens mexem com o espírito e fazem sonhar. O mar, a montanha e a casa são imagens gravadas, impressas, no fundo da alma. Elas fazem parte da identidade dos humanos há milênios. Gravadas na profundidade de nossas mentes, elas fazem parte do que os psicólogos chamam de arquétipo. A palavra vem do grego *arké* (primeiro, princípio, origem, começo). Encontra-se o termo *arké* em outras palavras portuguesas como arqueologia, arquivo, arcaico... e na filosofia aristotélica designava princípio, fonte ou causa.

O conceito de arquétipo traduz a idéia do padrão, do modelo primordial dos seres criados. Para a psicologia junguiana, os arquétipos correspondem a imagens psíquicas do inconsciente coletivo, que são patrimônio comum a toda a humanidade. Os

arquétipos são a base dos comportamentos especificamente humanos. Para Jung existem tantos arquétipos quanto situações típicas na vida das pessoas. Os quatro evangelhos, e toda a Bíblia, estão repletos de imagens arquetípicas. E se hoje usa-se e abusa-se dos termos arquétipo e arquetípico, a psicologia analítica sempre observa os arquétipos e suas manifestações na prática clínica, com uma atitude científica e fenomenológica cuidadosa. No sentido espiritual, o arquétipo pode ser entendido como selo, marca de Deus na cera do humano.

Ao falar de mar, montanha e casa, o evangelho de Marcos evoca mais do que uma circunstância espacial ou uma localização geográfica onde os eventos da vida de Jesus aconteceram, como ocorre com os outros evangelistas. O esmero em descrever situações concretas, com detalhes omitidos por Mateus e Lucas, faz com que Marcos trate o tempo e o espaço de uma forma muito especial: o tempo é novo e o espaço é outro.

O tempo novo, o novo tempo, chega com Jesus. Uma das marcas dessa nova temporalidade em Marcos é o uso repetido e constante do termo **logo**, no sentido de imediatamente, instantâneo, sem hesitação:

“deixam **logo** as redes (1,18);
logo os chamou (1,20),
logo no dia de sábado (1,21);
logo ao sair da sinagoga (1,29);
logo falaram da sogra de Pedro (1,30)...”

A palavra logo (*euthus* em grego, *bekarov* em



Wilson A. Cassarini

hebraico) realça ao mesmo tempo, a força e o inesperado da inspiração que comanda o agir, a conversão, nos dizeres de André Chouraqui, acima de raciocínios, reflexões ou deduções. As pessoas aderem a Jesus, convertem-se, seguem-no, independentemente de caminhos psicológicos complexos, raciocínios elaborados, testemunhos e milagres, pregações ou discursos. Mas essa presença do Espírito no tempo cumprido (Mc 1,15) e na proximidade do Reinado de Deus também manifesta-se, no evangelho de Marcos, no espaço.

Existe uma geografia espiritual em Marcos, cuja descoberta não exige sacrifícios ou erudição exegética particular. Marcos não localiza somente, no sentido territorial, a missão e a manifestação de Jesus como em Cafarnaúm, Galiléia, Betsaida, Jerusalém ou alhures. É claro que essa territorialidade não é neutra e possui um determinado conteúdo espiritual. Mas o convite, ao leitor de *A Tribuna* é no sentido de seguir a geografia espiritual de Marcos, nos próximos exemplares desta revista arquidiocesana, em três dos principais lugares onde ele situou (até em contradição com os outros evangelistas), as manifestações de Jesus: o mar, a montanha e a casa.

Uma simples comparação dos textos revela que o que parecia um simples, mesmo se cuidadoso, contexto referencial, brota de uma outra inspiração, uma outra geografia, profundamente arquetípica e espiritual. O espaço geográfico das manifestações do Espírito não é algo desordenado, em pedaços ou ruínas, ao sabor do texto ou materiais que serviram ao relato de Marcos. É fácil perceber que, para Marcos, determinados eventos espirituais só podem ocorrer no mar, enquanto outros somente na montanha ou na casa. Essa geografia espiritual tem uma dimensão de mistério e

uma marca arquetípica. O significado psicológico e espiritual desses contextos espaciais, rico e coerente, é também misterioso no evangelho de Marcos.

A iniciação nos mistérios da Igreja é lenta. Dura toda a existência. As portas dos mistérios (*mysterion*, de *myo*, manter fechado) da Igreja começam a abrir-se para o cristão no ritual iniciático do batismo. Elas continuam abrindo-se, na vivência da fé, aos que escolheram a casa certa e a porta de entrada verdadeira: "Eu sou a porta; se alguém entra por mim, será salvo, sairá e voltará e achará com que se alimentar" (Jo 10,9). Nos próximos artigos, algumas pistas desses mistérios serão apresentadas, como indicações, para viajantes perdidos pelo costume. A estrada é conhecida. O caminho é fácil. A paisagem costumeira. Mas tudo que vira reflexo, dispensa o ato consciente e reflexivo. Estas pistas vêm para que o caminho se perca, a paisagem fique perturbadora e portadora de novas possibilidades. O que parecia conhecido revela-se desconhecido. E no desconhecido descortinam-se novos lugares e agradáveis descobertas. Um pouco como na música de Beto Guedes, esses novos lugares reservam surpresas luminosas e perfumadas, ocultas aos olhos de muitos, mas reveladas aos iniciados.

"Eu moro numa casinha de palha
que fica detrás da muralha
daquela serra acolá.

De longe, ela vos parece arruinada
mas de perto ela é juncada
de baunilha e manacá".

Evaristo Eduardo de Miranda é Ministro de exéquias, autor do livro "Corpo - Território do Sagrado" pelas Edições Loyola.